

Se beber não case, E se fumar (*Cannabis*), pode casar?: análise de um acontecimento midiático

Achylles de Oliveira Costa Junior*

Resumo

O ator Zach Galifianakis, do filme Se beber, não case, fumou um cigarro de maconha ao vivo, no canal de TV americano HBO (subsidiária da empresa Time Warner), durante o programa Real Time, veiculado em 30 de outubro de 2010, que discutia sobre a legalização da Cannabis sativa. O episódio repercutiu mundialmente. Procurou-se analisar esse caso (em matérias publicadas em sites da internet) partindo-se das tipologias do acontecimento jornalístico e das estratégias de midiaticização dos sujeitos sociais.

Palavras-chave: *Midiaticização. Acontecimento Cannabis. Zach Galifianakis.*

* Mestre em Comunicação pela UFRJ. Doutorando em Comunicação pela Unisinos. Professor de jornalismo na Universidade Federal do Piauí.

O discurso antiproibicionista

O acontecimento a ser analisado não se encontra isolado no oceano semântico da internet. Ele faz parte de um acontecimento mais abrangente, que é o discurso antiproibicionista (que prega a legalização da *Cannabis sativa*¹ para fins medicinais e recreativos).

Becker (2008), em sua Teoria do Desvio, chamou de “racionalia” a cultura que se forma em torno de uma droga de onde se originaria a construção discursiva feita por usuários de drogas para neutralizar ideias negativas a respeito de uma droga. Para além dessa constatação, neste trabalho demonstra-se a existência de um discurso antiproibicionista que se articula em diversos campos sociais.

Becker (2008) acredita que o usuário passa por uma série de etapas de aproximação da *Cannabis* para se tornar efetivamente usuário. Talvez não tenha atentado para a existência do discurso antiproibicionista. Ele se aproxima desse conceito quando se questiona:

Minha questão básica é: qual é a sequência de eventos e experiências pela qual uma pessoa se torna capaz de levar adiante o uso da maconha, apesar dos elaborados controles sociais que funcionam para evitar tal comportamento? (BECKER, 2008, p. 75)

Eis nossa tentativa de resposta: os controles sociais sobre o uso da *Cannabis* são discursivamente neutralizados pelo discurso antiproibicionista. As ações humanas são sustentadas por um discurso que as engendram, as arquitetam e as justificam. Se existem pessoas que regularmente transgridem uma lei, sujeitando-se às punições nela previstas, suas motivações devem ter sido suficientemente fortes para encorajá-las a romper as barreiras legais e sociais instituídas. Deve existir, então, um discurso muito sedutor capaz de promover essas adesões.

Nas últimas décadas (1980 a 2010), observou-se na mídia uma multiplicação de textos que sugerem a legalização do uso da *Cannabis sativa*, proibida no Brasil pelo Decreto-Lei n. 780, de 28 de abril de 1936 (substituída Lei n. 6.368, de 21 de outubro de 1976, que por sua vez foi substituída pela Lei n. 11.343/2006). A proibição incluía falar das propriedades dessa planta. Falar sobre o uso de *Cannabis sativa* poderia ser interpretado pelas autoridades como apologia às drogas.

Esse discurso pode ser observado em reportagens, artigos, filmes, documentários e músicas. Ele aparece de dois modos: implícito, onde

1 Planta herbácea da família das *Canabiceas*, amplamente cultivada em muitas partes do mundo, cujo caule possui fibras industrialmente importantes, conhecidas como cânhamo; a resina tem propriedades psicoativas utilizadas como analgésico, antiespasmódico, calmante, embriagador, estomático, narcótico, sedativo, tônico. Seu produto mais polêmico é a maconha, que é classificada como ilegal em muitos países do mundo. (Disponível em: <<http://www.infoescola.com/drogas/maconha/>>. Acesso em: 16 maio 2010)

quase automaticamente, quase inconscientemente, o autor, pelas noções utilizadas e escolhas léxico-gramaticais, vai sutilmente deixando as pistas da sua adesão ao antiproibicionismo. Escondidos e entranhados em textos jornalísticos aparentemente objetivos e isentos podem estar os indícios de uma simpatia pela causa antiproibicionista não claramente engajada nem categoricamente militante, sendo quase imperceptíveis em uma leitura menos atenta; o segundo aparece de modo explícito e engajado, deixando clara a posição do autor. Aparece, também, nos contatos pessoais, quando o iniciante aprende, com os mais experientes, como obter, como usar e como identificar (BECKER, 2008) os efeitos da *Cannabis*.

O discurso antiproibicionista é aquele que: a) compete com o discurso proibicionista, contestando todos os argumentos usados como justificativa para a proibição; b) procura neutralizar os discursos e ações sociais desfavoráveis ao uso; c) é utilizado como argumentação positiva sobre sua utilização pelos usuários e simpatizantes da legalização da *Cannabis sativa*.

O discurso antiproibicionista tem como estratégia sensibilizar e alertar vários campos do saber e setores da sociedade para a necessidade de se discutir o uso da *Cannabis* e questionar o papel do Estado e sua interferência nas escolhas pessoais do cidadão, despertando para uma política de minimizar ou reduzir os danos advindos do uso e da repressão.

Vários países simpatizantes do tema fazem manifestações, como a “Marcha pela Legalização da *Cannabis*”, e entidades internacionais, como a Comissão Latino-Americana sobre Drogas e Democracia, organização não governamental que tem à frente personalidades como os ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso, César Gaviria (Colômbia) e Ernesto Zedillo (México), defendem que a descriminalização da posse de maconha para o consumo pessoal pode ser uma das saídas para a erradicação das drogas.

A legalização do uso da *Cannabis sativa* surge como um tema com uma significativa produção discursiva, cuja oferta de sentido reorganiza e mobiliza competências de diversos campos do saber, na construção de um discurso antiproibicionista que o reabilita para a arena simbólica, da qual foi banido pela censura como atividade contraventora. Grupos de simpatizantes fazem uso da internet, revelando suas ideias, trocando informações, divulgando tecnologias e saberes em diversas áreas e defendendo seus pontos de vista.

Essa oferta de sentidos compete com vários discursos institucionais que vão desde a atual legislação a tratados internacionais, dos quais o

Brasil é signatário, oscilando entre posicionamentos mais ou menos repressores.

Em vários *sites* de notícia e blogs também podem ser observados textos que tratam sobre tema da legalização da *Cannabis* e dos benefícios que seu uso pode trazer na indústria e medicina. Além dos textos, também são disponibilizados vídeos, músicas, filmes e documentários tratando do tema.

De posse dessas informações, passa-se à análise deste caso.

Análise de um acontecimento midiático

O *site* da *Folha Ilustrada* postou, no dia 30 de outubro de 2010, a seguinte notícia:

Ator de ‘Se Beber não Case’ fuma maconha ao vivo na TV

O ator Zach Galifianakis, 41, acendeu um cigarro de maconha e fumou ao vivo em um programa de entrevistas nos Estados Unidos.

Conhecido pelo papel de Alan Garner no filme ‘Se Beber Não Case’, o ator estava no programa *Real Time* debatendo a legalização da maconha no Estado da Califórnia.

‘Concordo que [a legalização] é politicamente complicada porque as pessoas ainda veem o assunto como um tabu’, disse Galifianakis.

Foi quando ele surpreendeu a plateia e acendeu o cigarro. Depois, passou o cigarro para outra convidada do programa, que confirmou que se tratava de maconha.

O programa é apresentado por Bill Maher, que é conhecido por apoiar a legalização da substância².

A notícia como está na *Folha Ilustrada* já seria interessante para análise. Trata-se de uma pequena nota, sem muito detalhamento limitando-se a poucas afirmações além de responder sumariamente algumas das perguntas básicas do jornalismo. Além do texto, a notícia é ilustrada apenas por uma foto de ator fumando. Mas outros *sites* exibem o referido vídeo como prova de verdade do que expressam em texto.

Mas até que ponto se pode confiar nas imagens como provas da verdade? Sabe-se do potencial da mídia na reconstrução discursiva do real que os processos de edição proporcionam. A adição de subjetividades na construção do acontecimento jornalístico inicia-se na escolha das pautas

2 ATOR de *Se beber não case* fuma maconha ao vivo na TV. Disponível em: <<http://coletivodar.wordpress.com/2010/10/31/zach-galifianakis-fuma-maconha-ao-vivo-no-programa-de-tv/>>. Acesso em: 10 set. 2011.

e, em seguida, recebe várias camadas interpretantes³ sucessivas, em cada uma das etapas dos processos, próprios de cada dispositivo. Também na escolha das fontes, nos trechos de fala aproveitados ou descartados nos cortes da edição, no posicionamento das câmeras, iluminação e no horário da veiculação.

A ideia de edição ainda permanece ligada a algum tipo de manipulação. Araújo (2006, p. 3) diz que “a imagem se revela como falsa, construída, de vez em quando enganadora até mesmo quando se pretende como referente a um acontecimento. Só desvelando todo o aparato que a construiu que ela pareceria mais verdadeira”.

O contexto

Buscou-se, então, desvelar tal “aparato”. Tratava-se de uma transmissão ao vivo, momento em que a realidade do que é transmitido é justamente o que se passa diante das lentes. Isso confere à imagem “ao vivo” grande efeito de verossimilhança, uma credibilidade maior do que numa reportagem diferida em sua temporalidade. O protagonista, porém, é um ator acostumado ao *mise-em-scène*. Seria aquela uma *performance* previamente ensaiada?

A notícia aparece primeiramente na *Folha Ilustrada*, em sites do Brasil. Chama a atenção, principalmente, pelo número de comentários dos leitores que se tornam indicadores importantes para maior compreensão desse acontecimento midiático.

Pelo menos uns 500 leitores indicaram, através de *tweets* e comentários, esse vídeo em que o ator Zach Galifianakis, que atuou no filme ‘Se Beber não Case’, acende um cigarro de maconha durante o programa de TV do Bill Maher, outro defensor da legalização. O debate era a respeito da legalização na Califórnia (Proposição 19), que será votada na próxima terça. Zach além de acender o beco, satirizou o que os caretas pensam sobre o efeito da maconha.⁴

O texto e o vídeo circularam pela internet. Vários outros sites o reproduziram acompanhado do vídeo. Isso é comum nos hipertextos. Remetem-se uns a outros textos, fazendo o leitor circular pela circulação das informações:

Na ocasião, Galifianakis foi convidado por Bill Maher, apresentador *do Real Time*, para comentar sobre a polêmica lei que

3 Perspectiva peirciana, conforme Henn (2009).

4 ZACH Galifianakis fuma maconha ao vivo na TV. Disponível em: <<http://jeniss.blogspot.com/2010/10/zack-galifianakis-fuma-maconha-ao-vivo.html>>. Acesso em: 10 set. 2011.

descriminaliza a maconha ('as pessoas em geral vêem o assunto como um tabu', diz o ator). Bill ganhou fama na TV estadunidense por ser um dos apoiadores da causa.

Está aí algo complicado de se discutir não só naquelas bandas como aqui no Brasil⁵.

A questão da legalização da maconha voltou com tudo no Estado da Califórnia. Isso porque, na próxima terça-feira, além de votar para governador, senador e deputado, os moradores da Califórnia também opinarão a respeito de diversas propostas. O uso recreativo da maconha está entre estas questões. A Prop 19?, como ficou conhecida, legaliza a posse de até 28,5 gramas para maiores de 21 anos. O uso da droga em local privado; em local público, desde que licenciado para isso. O cultivo residencial num espaço de até 2,3 metros quadrados também ficaria autorizado. Num caso de aprovação, o estado e as prefeituras assumiriam o papel de reguladores e controladores de cultivadores de grande porte, o que incluiria a fiscalização e a tributação no comércio⁶.

Legalização da maconha vira fumaça

A controvertida Proposition 19, medida para legalizar a marijuana na Califórnia, foi rejeitada pelos eleitores, com base na contagem inicial de votos. O CSM diz que a Prop 19 foi disputada entre gerações. Os mais velhos votaram contra, derrubando a medida que era apoiada pelos jovens com menos de 30 anos. Bem diz o ditado que juventude e sabedoria não andam juntos.⁷

A Ressaca (The Hangover). Essa é a tradução do título do filme que parece mais sugestiva que a singela adaptação *Se beber não case!* Depois dos acontecimentos que se seguiram, a tradução literal se mostrou mais adequada.

No título da matéria veiculada na *Folha Ilustrada*, "Ator de 'Se Beber não Case' fuma maconha ao vivo na TV." O nome do ator Zach Galifianakis não aparece. Estará aí uma operação de oferta de sentido? Certamente. Zach Galifianakis tornou-se conhecido pelo papel de Alan Garner, na comédia *Se beber não case*, um filme premiado, lançado em 2009, dirigido por Todd Phillips e escrito por Jon Lucas e Scott Moore. O filme custou 35 milhões de dólares e arrecadou 44 milhões em três dias, mantendo-se no posto por algumas semanas. *The Hangover* tornou-se a comédia para maiores de 18 anos mais lucrativa da história,

5 ZACH GALIFIANAKIS, protagonista de *Um parto de viagem*, fuma maconha ao vivo na TV. Disponível em: <<http://blogs.jovempan.uol.com.br/planeta/novidades/legalizacao-da-maconha-zach-galifianakis-fuma-a-erva-ao-vivo/>>. Acesso em: 10 set. 2011.

6 LEGALIZAÇÃO da maconha: Zach Galifianakis fuma a erva ao vivo. Disponível em: [blog.jovempan.uol.com.br/.../legalizacao-da-maconha-zach-galifiana...](http://blogs.jovempan.uol.com.br/.../legalizacao-da-maconha-zach-galifiana...) Acesso em: 10 set. 2011.

7 LEGALIZAÇÃO da maconha vira fumaça. Disponível em: <http://blogs.jovempan.uol.com.br/conexaoorlando/noticias-eua/legalizacao-da-maconha-vira-fumaca/>. Acesso em: 10 set. 2011.

com 275,9 milhões de dólares na América do Norte e 458 milhões de dólares no mundo. Aqui no Brasil também estreou no topo das bilheteiras, com mais de 1.4 milhão de espectadores. O sucesso levou o filme a ter uma continuação em 2011.

Que mais poderíamos saber sobre esse espaço midiático onde se instaura a cena? O programa de TV do Bill Maher é conhecido por ser favorável à legalização da *Cannabis*. E estavam justamente discutindo sobre a realização do plebiscito na Califórnia (Estado onde o uso medicinal da *Cannabis* já é permitido) sobre o uso recreativo da *Cannabis sativa*. O ambiente era canábico e certamente contribuiu para que Zach Galifianakis transformasse em gesto o seu discurso antiproibicionista.

Outras informações sobre esse contexto lançam dúvidas sobre a autenticidade da cena: *Real Time* é um *talk show* que vai ao ar semanalmente na HBO, organizado pelo comediante e humorista político Bill Maher. HBO, como é mais conhecido o Home Box Office Inc., é um canal de televisão premiado, subsidiário da rede Time Warner. A rede oferece dois serviços pagos de televisão que são transmitidos vinte e quatro horas por dia para mais de 38 milhões de assinantes nos Estados Unidos: HBO e Cinemax. A programação da HBO é transmitida em mais de 150 países em todo o mundo. O filme *Se beber não case* também é de propriedade da Warner. Não seria excesso de especulação imaginar que tudo poderia não passar de uma simulação, um golpe publicitário para atrair espectadores para a futura continuação da tão rentável comédia.

A recepção interativa

A notícia circula. Boa parte dos *sites* reproduz, na íntegra ou em parte, o texto da *Folha Ilustrada*. E, naqueles em que o leitor pode opinar, aparecem os comentários: para além do objetivo deste texto, observem os comentários dos leitores. Parece haver uma espécie de “censura automatizada” que rastreia termos “vetados” sem apreciar os conteúdos dos comentários (deve ser um *ROBOT* ou *BOT*, programas de vigilância “automática”). Os leitores já desenvolveram estratégia para driblar tal bobagem. Disfarçam a grafia das palavras vetadas. Isso dá outro estudo.

Em um país que ainda está engatinhando na discussão do aborto, que as eleições podem ser influenciadas pelo papa, discutir liberação da mac.onha ainda está muito longe... aliás, você não pode escrever ‘mac.onha’ aqui nos comentários da pholha... como se fosse palavrão... ainda temos muito que aprender...

Agora entendi por que as pessoas teclam algumas palavras com pontos no meio... Outro dia fui tentar postar se.xo e não aceitaram, tive que mudar a palavra. Agora já sei como fazer... Nem pholha dá? Que loucura! Depois falam que o pt vai censurar a imprensa. Só o que estou vendo é a imprensa ME censurando! (Allan Grego [1] – apelido)

Não levará muito tempo e veremos pelas ruas, jogados nas sarjetas, como zumbis, maco.nheiros vomitando a fraqueza ou atacando nossos filhos. Inúteis vivendo uma fantasia numa solidão compartilhada por mais paradoxal que seja. Como temos o hábito de imitar estilos norte-americano certamente aqui não será diferente. Aliás, será muito pior, os trafi.cantes perdendo seu ‘negócio’ e colocando no mercado dro.gas ainda mais destruidoras, mesmo que seja por vingança. (Juliana Costa [33] – apelido)

Não adianta discutir a nocividade dessa abominável droga com viciados de plantão. Que se percam todos! Não tenho nada com isso! Desde que não promovam danos à saúde de minha família. Tenho mais de 65 anos, não fumo e não bebo. Droga, então, nem se fala! Resultado: tenho uma excelente qualidade de vida, phoddo com frequência, amo as pessoas, tanto no que se refere ao amor platônico quanto ao amor com vucu-vuco e tudo. Divirtome à vontade. E esses viciados? Nem pensar! Tem a saúde comprometida! (Papai Sabetudo [37] – apelido).

A Mac.onha deve ser legalizada e descriminalizada. Sabe-se que a política de drogas está sendo mal gerida, e alguma mudança deve aparecer de imediato. É muito comum e corriqueiro pessoas que fumam banza e tem uma vida normal, com família estável e amigos, só que precisam se manter quietos devido ao preconceito da sociedade, ao julgar os fumantes da “erva maldita” como culpados de sabe-se lá o que. Digo aos reacionários de plantão para que cuidem de suas respectivas vidas, aos fumantes: fumem! (Antonio Carlos Aidar [25] – apelido).

Não gosto de nenhum tipo de droga...mas sei q existe mtos tratamentos de cancer feitos com ma conha...acho q se houvesse a legalização,terminariamos com o narcotrafico, favelas e quebrariamos mtos negócios ilicitos,acredito q para a violência e outros problemas sociais no seu núcleo seria ótimo a legalização;Por outro lado,reina a hipocrisia, o cara não pode fumar um beque,porém ir até o supermercado e comprar bebida, cigarros e remédios pode? Meio contraditório, né?! (Antonio Neto [9] – apelido)⁸.

8 ATOR de *Se beber não case* fuma maconha ao vivo na TV. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/822942-ator-de-se-beber-nao-case-fuma-maconha-ao-vivo-na-tv.shtml> Acesso em: 10 set. 2011.

O vídeo

Teria algo de comunicacional naquele gesto? O gesto pode ser compreendido como uma das estratégias do discurso antiproibicionista de dar visibilidade a noções favoráveis ao uso da *Cannabis*, mostrando-a como natural, inócua e incapaz de produzir males aos usuários. Usar o espaço midiático para expor seus pontos de vista que, por causa da proibição que incluía a proibição de se falar sobre drogas, ficavam sem visibilidade. Algumas dessas estratégias nem sempre atingem os objetivos esperados.

Na cena, o ator se cala de repente e o homem passa da palavra ao ato, mas a mensagem continua fluindo. Os sentidos continuam sendo gerados e ofertados “ao vivo”. Conteria aquele gesto alguma fala? Heidegger (2008, p. 7) nos responde:

O homem fala. Falamos quando acordados e em sonho. Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra. Falamos quando ouvimos e lemos. Falamos igualmente quando não ouvimos e lemos e, ao invés, realizamos um trabalho ou ficamos à toa. Falamos sempre, de um jeito ou de outro.



FIGURA 1 – Foto que acompanha a reportagem na *Folha Ilustrada*

Fonte: ATOR de *Se beber não case* fuma maconha ao vivo na TV. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/822942-ator-de-se-beber-nao-case-fuma-maconha-ao-vivo-na-tv.shtml>. Acesso em: 15 maio 2010.

Como aquele gesto é transformado em enunciação? Para Benveniste (1989, p. 82) enunciação “é o ato de produzir o enunciado, e não o texto do enunciado” e “é a realização vocal da língua”. Além disso, “supõe a conversão individual da língua em discurso”. Para ele a manifestação do enunciado é a fala.

O corpo fala. Seja de forma sutil, quando se percebe, pela postura física de alguém, se ele está atento, interessado ou indiferente. No seu semblante se pode notar a alegria ou melancolia, seja quando, por mímica, consegue expressar algo. Expressar é falar.

Existem ainda linguagens sofisticadas, baseadas em gestos, mas com uma comunicabilidade semelhante às demais linguagens. LIBRAS, por exemplo, é uma linguagem de sinais utilizada no Brasil por pessoas surdas.

Para Benveniste (1989, 83), a enunciação necessita de um “locutor”, aquele que fala, e um “locutário”, aquele que escuta, e ao escutar se torna um “colocutor”.

O locutor e sua fala: sua fala é a oração da qual é sujeito. Um “eu” presente no *presente* e na presença de outros (tu, vós) presentes, o “tu” colocutor. E na ausência do “ele” que também se faz, por referência, presente na fala e que, nas processualidades dos dispositivos de captação, armazenamento e circulação, eternizam essa “presença” no *presente*, sempre que veiculam.

O ator locutor, em pleno ato, está ali: ele (ator, locutor), com sua presença loquaz, expressa, como um locutor de si próprio, seu discurso. O “ato” é então transformado em “fala”.

O fato que poderia ser dito ou descrito em um texto está ali, bruto, como numa linguagem ancestral pré-escrita, deixando o gesto falar por si só. Não em inglês nem em espanhol ou português, mas em qualquer idioma, em uma gramática universal, comunicar ao mundo, sem fronteiras nem barreiras. A comunicação pura, mas mesmo assim, ambígua e, justamente assim, paradoxal.

Inesperado, o ato é um acontecimento (HENN 2009) que inaugura dois movimentos em sentidos opostos. Um paradoxo no qual os sentidos não são alternativamente constituídos, mas simultaneamente lançados. É um sistema em que duas forças com a mesma direção e sentidos contrários, ao mesmo tempo, esgarçam sua fonte. É, ao mesmo tempo, lucidez e loucura, controle e descontrole, realidade e simulação, genialidade e asneira, o bem e o mal.

Trata-se de uma economia discursiva na qual os demasiados implícitos não emergem de sua implicitude. Um acontecer com uma enorme oferta de sentidos flutuantes que são apropriados e ressemantizados pelo público, conforme suas convicções e histórico-pessoais.

A fala do corpo

Que efeito terá ele pensado em provocar com a encenação? O ator poderia ter falado que fumava a Cannabis e que o fato de usá-la ocasionalmente não o tornaria uma pessoa louca ou perigosa e que continuaria no perfeito controle de seus atos. Preferiu demonstrar isso fumando um cigarro de maconha diante das câmeras.

Um manifesto no qual o corpo é submetido à experiência da *Cannabis* no espaço midiático. Acender o “baseado” para ascender à discussão. É a ritualística de um campo social que se encena, demonstrando a apropriação e certa compreensão das práticas e da importância das processualidades operadas na mediação. Como ensina Fausto Neto (2006, p. 44),

operações de mediação transformam-se em dispositivo estratégico para o funcionamento de determinados tipos de discursos, cujas condições de produção e, especialmente de circulação, ‘recebem’ dos dispositivos midiáticos possibilidades para sua existência.

É ofertado ao espectador todo processo de alteração cognitiva que se processa em dois locais: na mente do corpo que fuma e na mente da recepção. Um acontecimento em que o corpo do ator se oferece como *corpus* de um experimento midiático.

É acontecimento midiático (HENN, 2009), notável (SOUSA, 2002), inesperado (REBELO, 2006), suscitado, revelador (QUÉRÉ, 2005), transgressor, que mostra como determinado discurso, que se encontra nos limites do proibido e do permitido, utiliza o corpo como estratégia de mediação. Um microacontecimento que ocorre dentro de um acontecimento maior e mais complexo, que é o discurso antiproibicionista.

O gesto radical contém, talvez, uma mensagem como: “Tomei o veneno e estou vivo”. Deve querer mostrar que sua mente continua trabalhando “normalmente” após fumar o cigarro de maconha: “Fumei e não matei nem roubei”.

Pela repercussão do caso, porém, pelo resultado negativo do plebiscito sobre a legalização da maconha no Estado da Califórnia e pelos comentários dos leitores, algo parece não ter ocorrido como previsto pelo ator: muitos pais, mães e o restante da sociedade não usária da Califórnia podem não ter gostado de que seus filhos tenham assistido a ele, revertendo os objetivos iniciais. Além disso, após o resultado negativo do plebiscito, podiam ser presos, pagar multa e ter o resto da vida afetada pelo gesto.

A mais importante é uma em sua identidade pública. Cometer um ato impróprio e ser apanhado lhe confere um novo status. Ele revelou-se um tipo de pessoa diferente do que supostamente era. É rotulado de 'bicha', 'viciado', 'maluco' ou 'doido' e tratado como tal. (BECKER, 2008, p. 42)

O corpo da experiência canábica midiaticizada tem sua essência dilacerada por essa dupla direção. O ator, como sujeito esquarterado por tensões opostas, parece encenar um *script* de si mesmo, como em um roteiro previamente ensaiado, como evidenciaria o cigarro devidamente confeccionado e o isqueiro de prontidão, ali no bolso dele.

Mas aquele cigarro e o isqueiro poderiam estar ali casualmente? Talvez sim, mas de qualquer modo indicaria intencionalidade, dolo, planejamento, preferência.

Antes do ato em questão, não se sabia da existência do cigarro de *Cannabis* nem do isqueiro. Foram introduzidos na cena no momento do uso. Isso traz novos questionamentos, possibilitando novos sentidos para o momento interpretativo. Já que estavam ao alcance da mão, por que não usá-los na cena? Para surpresa geral do público e dos colegas de debate, ele os usa, por sua própria conta e risco.

Diferentes relatos sobre estratégias institucionais nos mostram, segundo diferentes angulações, como as suas práticas sociais têm se estruturado a partir, de sua 'relação direta com a existência dos mídias', conforme sugere Verón. Algo que entendemos como os próprios efeitos decorrentes da existência da midiaticização, dos seus processos e mecanismos de afetação das operações, que lhes são intrínsecas, e que servem como possibilidade de novas produção discursivas, e de inteligibilidade das outras práticas sociais. (FAUSTO NETO, 2006, p. 42)

É semelhante ao caso dos monges que ateavam fogo ao próprio corpo diante dos olhares e das câmeras, garantindo que o gesto deles fosse visto por muita gente. O corpo imolado na TV. A morte midiaticizada. O pavor como comoção. O suicídio como espetáculo.

Certamente o ator não morrerá com esse ato, mas sairá bem chamuscado.

Lembram-se do *Dr. Jekyll e Hyde*? É um romance escrito pelo autor escocês Robert Louis Stevenson, publicado em 1886, que fala sobre o advogado Gabriel John Utterson, personagem que investiga estranhas coincidências entre o Dr. Henry Jekyll e o misantropo Edward Hyde. A obra representa o fenômeno de múltiplas personalidades dentro da

mesma pessoa (uma personalidade boa e uma má). O romance originou o jargão inglês, com a frase *Jekyll e Hyde* usada para se referir a uma pessoa que age de forma moralmente diferente, dependendo da situação.

O discurso proibicionista preconiza uma espécie de esquizofrenia, um transtorno bipolar que se apossa do usuário de modo a transformá-lo em um psicopata, um monstro diabólico capaz das maiores atrocidades. Com o gesto, o ator quis talvez demonstrar que não se transformaria em Hyde.

Mas o gesto quebra a normalidade do ambiente calmo do estúdio da TV. O gesto ousado e inesperado pode indicar um aspecto da personalidade que não se mostra normalmente, que se encontrava oculto. E aí está o seu “Hyde”.

Paradoxalmente, ao tentar mostrar que Hyde não existe, este se dá a conhecer. E é esse “Hyde” que inviabiliza e subverte o sentido “planejado” pelo ator.

Somente seu “Hyde” romperia o protocolo organizador do espaço televisivo. Em outras palavras, como diriam os leitores, “só um doido mesmo para fumar maconha ao vivo na TV”.

Conclusão

A estratégia de midiatisação de suscitar um acontecimento espetacular e inusitado, utilizando ações do corpo, e não a própria fala para comunicar uma mensagem de alguma complexidade em um espaço midiático televisivo, onde o texto oral tem importância fundamental, mostrou-se problemática. O excesso de implícitos na mensagem permitiu outras interpretações.

O sentido proposto pelo ator subsiste ao ato, mas divide a cena com seu antagonico. Alguns leitores percebem esse sentido e saem em defesa do ator. Defesa de quê? Essa percepção capta, também, o sentido contrário, capta também o paradoxo, embora essa “loucura” lhes soe como “ousadia rebelde, bem-humorada e radical”.

Uma dualidade platônica (DELEUZE, 1974) – um antes e um depois que se tensionam e se remetem mútua e simultaneamente, levitam e gravitam eternamente um em torno do outro. No entanto, a ruptura da naturalidade instaurada no estúdio e a quebra do contrato de leitura no espaço televisivo, por estratégias “desviantes” de determinados campos sociais, obscurece o sentido proposto pelo ator, realçando o sentido antagonico, gerado simultaneamente.

O sucesso do fracasso da estratégia fez o vídeo se tornar famoso. Este ganhou visibilidade justamente pela loucura/ousadia do ator demonstrada

ao público, e não pela “normalidade” que ele tenta aparentar após fumar o “baseado”.

E para não deixar nenhum sentido à deriva, eis a simbologia que se encerra no título e contamina toda a matéria: o ator de *Se beber, não case*, sobre o qual ainda resta questionar: e se fumar (*Cannabis*), pode casar?

The Hangover after Cannabis smoking: an analysis of a media event

Abstract

Actor Zach Galifianakis (The Hangover) smoked pot live on HBO (owned by Time Warner) during the Real Time show on the legalization of cannabis sativa broadcasted on October 30, 2010. That was a high profile event worldwide. Building on online news on the episode, this paper analyzes such a case based on typologies of news events and mediatization strategies of social players.

Keywords: Mediatization. Event. Cannabis. Zach Galifianakis.

Referências

ARAÚJO, Mauro Luciano. *A espessura do imaginário no documentário: a imagem e a ideologia*. 2006. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 15 maio 2010.

ATOR de *Se beber não case* fuma maconha ao vivo na TV. Disponível em: <<http://coletivodar.wordpress.com/2010/10/31/zach-galifianakis-fuma-maconha-ao-vivo-no-programa-de-tv/>>. Acesso em: 10 set. 2011.

ATOR de *Se beber não case* fuma maconha ao vivo na TV. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/822942-ator-de-se-beber-nao-case-fuma-maconha-ao-vivo-na-tv.shtml>>. Acesso em: 10 set. 2011.

BECKER, H. S. *Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar 2008.

BENVENISTE, Emile. O aparelho formal da enunciação In: _____. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Pontes, 2006. v. 2.

BERGER, C.; CARVALHO, F. M. B. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 7. Universidade de São Paulo (USP), nov. 2009. *Anais...*, São Paulo: SPBJor, 2009.

DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FAUSTO NETO, A. Será que ele é? Onde estamos? A mediatização de um discurso proibido. In: _____. *Ícone*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Recife (PPG/COM). Recife: Contraluz, 2006. p. 39-57.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HENN, R. O acontecimento em sua dimensão semiótica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 7. Universidade de São Paulo (USP), nov. 2009. *Anais...*, São Paulo: SPBJor, 2009.

LEGALIZAÇÃO da maconha vira fumaça. Disponível em: <http://blogs.jovempan.uol.com.br/conexaoorlando/noticias-eua/legalizacao-da-maconha-vira-fumaca/>. Acesso em: 10 set. 2011.

LEGALIZAÇÃO da maconha: Zach Galifianakis fuma a erva ao vivo. Disponível em: blog.jovempan.uol.com.br/.../legalizacao-da-maconha-zach-galifiana... Acesso em: 10 set. 2011.

LOPES, M. I. (Org.). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.

MARTIN-BARBERO, J. *Uma aventura epistemológica*. Matrizes, v. 2, n. 2, p. 143-162, jan./jul. 2009. Entrevista concedida a Maria Immacolata Lopes.

QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos*: revista de comunicação, cultura e educação, n. 6, p. 59-76, 2005.

REBELO, José. Prolegômenos à narrativa mediática do acontecimento. *Trajectos*: revista de comunicação, cultura e educação, n. 8-9, p. 17-27, 2006.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.

SPINK, Mary Jane. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo Cortez, 2004.

VERÓN, Elizeo. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix, 1981.

VERON, Elizeo. *Construire l'évenement*: les médias et l'accident de Three Mile Island. Paris: Minuit, 1981.

ZACH Galifianakis fuma maconha ao vivo na TV. Disponível em: <http://jeniss.blogspot.com/2010/10/zack-galifianakis-fuma-maconha-ao-vivo.html>. Acesso em: 10 set. 2011.

ZACH Galifianakis, protagonista de *Um parto de viagem*, fuma maconha ao vivo na TV. Disponível em: <http://blogs.jovempan.uol.com.br/planeta/novidades/legalizacao-da-maconha-zach-galifianakis-fuma-a-erva-ao-vivo/>. Acesso em: 10 set. 2011.

Enviado em 15 de maio de 2011.

Aceito em 30 de setembro de 2011.